

ANAIS DO SETA, Número 1, 2007

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES EM DIREÇÃO À PALAVRA ESCRITA CONVENCIONAL

Cristiane Carneiro CAPRISTANO¹

ABSTRACT: In this work, I present partial results of research (in process) whose purpose is to investigate the way as two children segment their written statements during an itinerary chronologically marked – the first four years of the fundamental teaching – and, in that way, to indicate roads traveled in direction to the conventional written word.

Sobre o tema

O propósito deste trabalho é apresentar resultados parciais de pesquisa de doutorado (em andamento) sobre o chamado processo de aquisição da escrita infantil. Nessa pesquisa, faço algumas reflexões sobre como duas crianças em processo de aquisição da escrita lidam com a distribuição do fluxo textual – considero, particularmente, o modo como essas crianças lidam com a distribuição dos espaços em branco que, na escrita convencional atual, demarcam limites de palavra morfológica.

O objetivo mais específico dessa pesquisa é o de responder como as segmentações escritas presentes na escrita infantil se modificam ao longo do tempo. Haveria uma mudança gradual nos critérios que norteiam as crianças na proposição de limites e/ou fronteiras em seus enunciados escritos? Como os limites e/ou fronteiras dos enunciados escritos produzidos pelas crianças chegam a adequar-se aos limites e/ou fronteiras previstos pela escrita convencional? Creio que ao responder a essas questões posso aludir a uma outra, de caráter mais geral: como interpretar o processo que leva uma escrita (a escrita de uma criança) a modificar-se ao longo do tempo – de uma escrita instável e heteróclita a uma escrita em convergência com as representações tidas como canônicas da língua?

Essas questões partem do seguinte pressuposto: suponho que a análise da segmentação que as crianças propõem para seus enunciados – tanto as distribuições não-convencionais dos espaços em branco da escrita quanto o contraste/oposição entre as distribuições não-convencionais e convencionais – pode, por um lado, fornecer pistas para a interpretação dos caminhos percorridos por elas em direção à palavra escrita convencional e, por outro, permite propor uma interpretação para a mudança observada na escrita das crianças divergente, por exemplo, de interpretações que supõem uma evolução linear e sucessiva de hipóteses idênticas para todas as crianças.

Para defender o pressuposto acima aventado, selecionei para análise um conjunto de 104 enunciados escritos produzidos por duas crianças ao longo de seus quatro

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista da CAPES. E-mail: capristano1@yahoo.com.br.

primeiros anos de escolarização formal, no período de abril de 2001 a dezembro de 2004. Esses enunciados foram elaborados em situação de sala de aula e produzidos com base em diferentes propostas temáticas desenvolvidas a partir de diversos gêneros discursivos – cartas, bilhetes, relatos etc. Foram extraídos do banco de dados em constituição sobre a aquisição da escrita infantil que tem sido organizado por Lourenço Chacon (UNESP-Marília) e Cristiane Carneiro Capristano (IEL/UNICAMP). Nesses enunciados escritos, analisarei tanto as segmentações não-convencionais quanto as segmentações convencionais propostas pela criança. Para o presente trabalho, selecionei para análise três enunciados produzidos por Tiago.

O paradigma indiciário como modelo teórico-metodológico

Saliento que assumo como perspectiva teórico-metodológica o chamado paradigma indiciário (GINZBURG, 1989, 2002) tal como desenvolvido no Projeto Integrado/CNPq “*A relevância teórica dos dados singulares na Aquisição da Linguagem Escrita*” (já finalizado), coordenado por Maria Bernadete Marques Abaurre². O paradigma indiciário, em linhas gerais, consiste num procedimento de investigação eminentemente qualitativo e interpretativo que implica, dentre outras, a recusa da preocupação exclusiva com a repetibilidade e sistematicidade de dados e resultados. Esse paradigma funda-se na análise de dados episódicos considerados como *indícios* que permitem ao pesquisador entender fenômenos mais gerais. A prioridade dada às ocorrências locais, peculiares a esse paradigma, “não implica numa exclusão absoluta da regularidade”, como lembra Caprettini (1991, p. 160). Pelo contrário, a resolução de um problema ou questão deve passar pelo crivo das regularidades: “Os ‘pequenos fatos’ são a chave para o relacionamento local/global” (CAPRETTINI, 1991, p. 162). Na análise que empreendo de dados de escrita infantil, meu olhar está voltado, portanto, concomitantemente, para as marcas lingüísticas locais de segmentação escrita e para aspectos dessas marcas que possibilitem estabelecer generalizações. Nesse sentido, ao tratar de fatos da história de *um* sujeito na sua relação com a linguagem escrita, busco, de fato, indícios que apontem para a relação sujeito/linguagem, sempre em constituição.

Como interpretar as mudanças no modo como a criança segmenta seus enunciados escritos

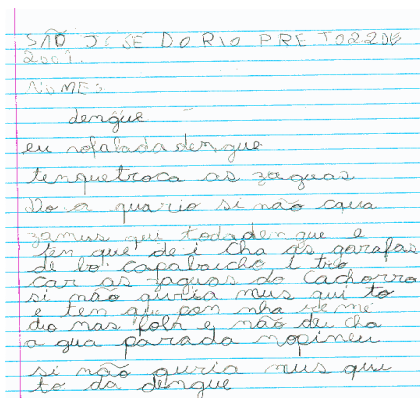
Qualquer um que se dispuser a observar a escrita de uma criança ao longo de seu processo de escolarização – penso, particularmente, no período correspondente a primeira a quarta série do ensino fundamental – constatará que em muitos enunciados produzidos no início desse processo convivem soluções diferentes e, às vezes, divergentes para resolver o dilema de como distribuir graficamente o fluxo textual e, conseqüentemente, o dilema de onde alocar espaços em branco e propor fronteiras gráficas; contrariamente, em muitos enunciados finais, sobretudo aqueles produzidos no

² Cf, principalmente, Abaurre *et al.* (1997) trabalho que trata, dentre outros temas, da utilização desse paradigma para investigação de dados da aquisição da escrita.

decorrer da quarta série do ensino fundamental, a diversidade de soluções desaparece em favor de soluções convencionais. A meu ver, a diversidade de soluções para resolver o dilema de como distribuir o fluxo textual é interdita gradualmente – embora não linearmente – para o sujeito em favor de soluções aceitas pelo outro – entendido como instância de representação do funcionamento convencional da língua em sua modalidade escrita.

Um primeiro olhar para os enunciados escritos produzidos por Tiago ao longo de seus quatro primeiros anos de escolarização formal possibilitou o reconhecimento de algumas descontinuidades e de algumas continuidades no modo como essa criança distribuiu graficamente os espaços em branco. Para ficar em apenas um exemplo, vou observar a flutuação no modo como essa criança estabelece fronteiras gráficas ao clítico *da* em três diferentes enunciados escritos produzidos por ela em três momentos de seu processo de escolarização:

Exemplo 01



O exemplo 01 foi produzido em 22/08/2001 quando essa criança cursava a primeira série do ensino fundamental. Nele comparecem as seguintes distribuições para o clítico *da*: (a) eu vofalada dengue (linha 01); (b) do a quario si não cqua zamus qui todadengue (linha 03); (c) to da dengue (linha 11).

Em (a), as junções entre *vo, fala* e *da* permitem sugerir que a criança seleciona para escrever toda a seqüência *eu vou falar da dengue*. No momento de distribuir graficamente essa seleção, ela pode ter atribuído, por diferentes motivos, às seqüências *eu, vo, da* e *dengue* alguma autonomia gráfica, razão pela qual essas seqüências aparecem ou plenamente autônomas, delimitadas em ambas as suas margens por espaços em branco – como *dengue* e *eu*³ – ou parcialmente autônomas, delimitadas em apenas uma de suas margens – como *vo* e *da*⁴.

³ Penso na possibilidade de a delimitação do pronome *eu* em ambas as suas margens decorrer do reconhecimento do estatuto particular desse pronome no sistema da língua “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1995 [1966], p.178). A delimitação em *dengue*, por sua vez, pode decorrer da

Em (b) a autonomia foi concedida, pela criança, à seqüência *qui* da palavra *mosquito*, que pode ter sido reconhecida como palavra escrita – notar que no sistema lingüístico do Português Brasileiro temos um clítico com essa característica, o *que*, que pode funcionar sintaticamente como pronome relativo ou indefinido, advérbio, conjunção coordenativa ou subordinativa –, mas não foi atribuída qualquer autonomia ao clítico *da* na seqüência *dadengue*, que ficou unido à sílaba final da palavra *mosquito* e à palavra *dengue*.

Em (c), a criança separa de forma adequada norteadas, provavelmente, pela noção de palavra da escrita. Digo “possivelmente” porque esse dado favorece o questionamento da própria natureza daquilo que é denominado como *segmentação correta, adequada e/ou convencional*. Dito de outra forma: a escrita alfabética faz uso do critério morfológico para definição dos espaços em branco entre seqüências de letras. Portanto, dado convencional deveria ser aquele no qual se tomaram por base as classes de palavras como definidoras de unidades morfológicas. Entretanto, nada garante que as segmentações *adequadas, corretas e/ou convencionais* propostas pelas crianças significam que elas já dominem tais regras de colocação de espaços em branco na escrita. Pelo contrário. O fato de figurarem, por exemplo, lado a lado segmentações convencionais e não-convencionais contribui para uma explicação oposta a essa: nos momentos em que as crianças parecem propor as ditas segmentações convencionais e suas escritas aparecem mais controladas, parece ocorrer que o produto final (segmentação de acordo com a norma ortográfica) escondeu o processo de constituição dessa escrita – heterogêneo, por excelência – o que não significa que ele não esteve presente o tempo todo.

O exemplo 02 foi produzido em 02/05/2002, quando essa criança cursava a segunda série do ensino fundamental. Nele o clítico *da* aparece quatro vezes acompanhando o substantivo *garrafa*, ambos delimitados de forma convencional. Apenas na primeira ocorrência da seqüência “da garrafa” consta uma rasura entre *da* e *garrafa* que permite ver que a criança pretendia inicialmente escrever *dagarrafa*. O exemplo 03, por sua vez, foi produzido em 30/09/2004 quando essa criança cursava a quarta série do ensino fundamental. Nele o clítico *da* aparece apenas uma vez, escrito de forma convencional. Vejamos:

Exemplo 02

atribuição de um estatuto autônomo ao substantivo *dengue* favorecida pela sua posição de tópico/tema do enunciado – notar que esse substantivo aparece isolado como *título* do enunciado produzido pela criança.

⁴No caso do clítico *da*, a delimitação de uma de suas margens resulta, possivelmente, da atribuição, retrospectiva, de um estatuto autônomo ao clítico *da*, advindo de uma intuição da autonomia gráfica dessa unidade na escrita convencional. Chacon (2005), analisando dados bastante semelhantes a esse, afirma que, muitas vezes, as segmentações não-convencionais propostas pelas crianças podem ser provenientes de um movimento *e/ou* ação retrospectiva da criança sobre a escrita: ao término de uma seqüência que pode ser reconhecida como palavra, a criança insere um espaço em branco sem que isso implique, necessariamente, um retorno a sua escrita para isolar a palavra em suas margens. O mesmo pode ter ocorrido com o clítico *vo*, mas, desta feita, numa ação prospectiva.

da, não isolando essa unidade em nenhuma de suas margens – constituiria um exemplo de descontinuidade.

Essas constatações preliminares constituem, a meu ver, apenas um primeiro passo para proposição de uma interpretação para as mudanças que podem ser observadas na escrita da criança. Fundamentada em trabalhos de Abaurre (1991, 1996) Chacon (2004, 2005, 2006) Corrêa (2004), Lemos (1992, 2002), dentre outros, espero poder demonstrar que as diferenças⁵ observadas nos enunciados escritos infantis num período cronologicamente marcado não são evidências de desenvolvimento, mas índices de que no processo de aquisição da escrita existiriam, de fato, mudanças na relação entre sujeito e língua (em sua modalidade escrita), mudanças essas sempre inconclusas.

Referências Bibliográficas:

- ABAURRE, M. B. M. (1991) “A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial” *Boletim da Abralín* 11, 203-17.
- ABAURRE, M. B. M. *et al.* (1997) *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de Letras.
- BENVENISTE, E. (1995) “A natureza dos pronomes”. In: _____. *Problemas de lingüística geral*. Campinas (SP): Pontes.
- CAPRETTINI, G. P. (1991) “Peirce Holmes e Popper”. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. (org.) *O signo de três: Dupin Holmes e Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 149-169.
- CHACON, L. (2004) “Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre (RS), v. 39, n. 3, 223-232.
- _____. (2005) “Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento”. *Estudos Lingüísticos*, Campinas (SP), v. XXXIV, 77-86.
- _____. (2006) “Algumas palavras sobre a relação entre oralidade e letramento em hipersegmentações na aquisição da escrita”. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) *Práticas escritas na escola: letramento e representação*. São Paulo: Convênio CAPES/COFECUB - Projeto 510/05, 57-61.
- CORRÊA, M. L. G. (2004) *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas: Mercado de Letras.
- GINZBURG, C. (1986) *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2002) *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁵ Essas diferenças dizem respeito, de um lado, à presença, num mesmo enunciado escrito, de soluções diferentes para uma mesma “unidade” – ou, melhor, soluções diferentes para um mesmo aspecto da língua em sua modalidade escrita – e, de outro, à presença, em enunciados produzidos por uma mesma criança em diferentes momentos de seu processo de aquisição da escrita, de soluções também diferentes para uma mesma “unidade”.